



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**UMA INTERAÇÃO FUNDAMENTADA NO DIÁLOGO E A REDUÇÃO DO
COMPORTAMENTO INDISCIPLINADO**

DANIELE CLEMENTINO DUARTE¹

KÉVIA SERAFIM DA SILVA²

¹ Discente do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) E-mail: anny_duda1@outlook.com

² Discente do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) E-mail: keviaaserafim@gmail.com

Daniele Clementino Duarte
Kévia Serafim Da Silva

**UMA INTERAÇÃO FUNDAMENTADA NO DIÁLOGO E A REDUÇÃO DO
COMPORTAMENTO INDISCIPLINADO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal da
Paraíba como parte dos requisitos exigidos
para a obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^a.Dra^a. Nilvania dos
Santos Silva

BANANEIRAS

2021

UMA INTERAÇÃO FUNDAMENTADA NO DIÁLOGO E A REDUÇÃO DO COMPORTAMENTO INDISCIPLINADO

Artigo apresentado e aprovado em 11/12/2021, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, na Universidade Federal da Paraíba, Campus III, Departamento de Educação.

BANCA EXAMINADORA

Nilvania dos Santos Silva

Profa. Dra. Nilvania dos Santos Silva
Orientadora


Prof. Me. Gabriel de Medeiros Lima
SIAPE 1885606

Prof. Me. Gabriel de Medeiros Lima
Examinador Titular

Vanice dos Santos

Profa. Dra Vanice dos Santos
Examinadora

Prof. Me. Filippe Paulino Soares
Examinador (Suplente)

BANANEIRAS 2021

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPB - Biblioteca Setorial do CCHSA

D812i DUARTE D C; SILVA K S.

Uma interação fundamentada no diálogo e a
redução do
comportamento indisciplinado / Kevia Serafim da
Silva.

- Bananeiras, 2021.
22f.

Orientação: Nilvania dos Santos Silva.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHSA.

1. Indisciplina. 2. Desenvolvimento Moral. I.
Silva,
Nilvania dos Santos. II. Título.

UFPB/CCHSA-
BANANEIRAS

CDU 37

RESUMO

Compreender como ocorrem os comportamentos indisciplinados no espaço escolar e como a interação fundamentada no diálogo pode contribuir na redução de tais comportamentos é o objetivo principal deste trabalho. Através de pesquisa bibliográfica, sobre a visão de grandes autores como Paulo Freire, se construiu reflexões sobre a indisciplina e disciplina escolar, entendendo como funciona o cotidiano da escola em que se favorece tais comportamentos, discorrendo sobre a importância de se compreender o desenvolvimento moral da criança, e como a construção de interações através do diálogo podem ajudar a reduzir os comportamentos indisciplinados, esses pontos trabalhados ao decorrer do texto, proporcionam ao leitor uma nova visão de se ver a indisciplina escolar, onde se entende que ela não é um problema único do aluno, mas que pode se referir a um problema da escola, e é na mudança de concepção de educação que as raízes da indisciplina escolar pode ser cortadas.

Palavras-chave: Indisciplina. Desenvolvimento Moral. Relação professor-aluno. Diálogo.

ABSTRACT

Understanding how undisciplined behaviors occur in the school environment and how an interaction based on dialogue can contribute to the reduction of such behaviors is the main objective of this work. Through bibliographical research, on the vision of great authors such as and Paulo Freire, reflections were built on indiscipline and school discipline, understanding how the daily life of the school that favors such behaviors works, discussing the importance of understanding development children's morals, and how the construction of interactions through dialogue can help reduce undisciplined behaviors, these points worked throughout the text, provide the reader with a new vision of seeing school indiscipline, where it is understood that it is not a unique problem of the student, but that can refer to a problem of the school, and it is in the change of conception of education that the roots of school indiscipline can be cut.

Keywords: Indiscipline. Moral Development. Teacher-student relationship. Dialogue.

1- INTRODUÇÃO

Em qualquer contexto da nossa vida ouvimos e ouviremos falar sobre ter disciplina, esta palavra terá uma carga de adjetivos positivos sobre ela, em contrapartida a indisciplina recebe uma carga negativa.

O presente trabalho busca refletir sobre a indisciplina escolar, a fim compreender o que leva as crianças enquanto alunos cometerem atos indisciplinados na escola, através do estudo do desenvolvimento moral da criança, tendo por objetivo geral refletir teoricamente como ocorre o fenômeno da indisciplina escolar e como a interação fundamentada no diálogo contribui para a diminuição do comportamento indisciplinado. Tem como objetivos específicos. Descrever o que é disciplina e indisciplina escolar na visão de alguns autores. Investigar como as abordagens de ensino, e posturas adotadas pelo professor podem influenciar os comportamentos indisciplinados. Trazer sugestões que podem ajudar a reduzir tais comportamentos.

Esse artigo é mais um caminho a partir das teorias de autores como Paulo Freire e estudiosos da obra de Jean Piaget, em que através de seus estudos buscaremos compreender como a indisciplina escolar ocorre e qual a melhor forma de agir diante desta realidade. Com uma pesquisa explicativa, os procedimentos de coleta de dados, através de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa sobre os fatos por, acreditarmos que “a abordagem qualitativa justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”

(RICHARDSON, 2010, p. 79). Por lidarmos com seres humanos, trabalhamos com o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. (MINAYO, 2009, p. 21).

Portanto, este artigo, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, dedicada a rever perspectivas teóricas, analisando os estudos de grandes autores, Esse tipo de pesquisa não resulta, de forma, imediata, alguma intervenção na realidade, porém segundo Demo (1994, p.36). Mantém-se importante, pois o “conhecimento teórico adequado acarreta rigor conceitual, análise acurada, desempenho logico, argumentação diversificada, capacidade explicativa”.

A temática da indisciplina escolar juntamente com a formação moral e aprendizagem de valores sempre foi algo que nos instigou a curiosidade, sendo a escolha desse tema algo que nos inspira profundamente a vontade de ajudar a

melhorar cenários desconfortáveis dentro das escolas. A temática é extremamente necessária uma vez que a indisciplina escolar é algo que incomoda a maioria dos educadores, sendo um dos temas que mais impacta as escolas desde sempre. Este trabalho visa entender esse fenômeno, saindo daquela leitura que a indisciplina na escola é um problema apenas do aluno ou da família. Mas o que seria disciplina e indisciplina no contexto escolar?

A disciplina pode ser definida como a “ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização” (FERREIRA, 2004, p. 685) ou seja todo ato que siga as regras de determinado lugar ou situação é tido como disciplina uma ação correta.

Para Muller a disciplina pode ser definida como:

Regime de ordem imposto ou livremente consentido, ordem que convém ao funcionamento regular duma organização, relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor, observância de preceitos ou normas, submissão a um regulamento, relação de submissão de quem é ensinado, para com aquele que ensina; observância de preceitos e ordens escolares, sujeição das atividades instintivas às refletidas. (MÜLLER,2001, p. 35) Por meio deste pensamento podemos ver que a disciplina é pedagogicamente entendida como o cumprimento das regras, a organização e civilidade dos alunos perante os seus deveres, gerando uma certa submissão aos seus docentes aos quais é empregado autoridade e compromisso para manter a disciplina em sala de aula.

Ao lado oposto encontramos a indisciplina que pode ser caracterizada caracterizada como antagonismo, hostilidade, desinteresse, divergências e perturbações de toda ordem, sendo compreendida como quebra de regras préestabelecidas pelo professor ou regulamento da escola, desrespeito ao ambiente e ao outro, ou ainda, apatia decorrente de desinteresse e falta de participação do aluno, além de ainda poder ser considerada como um dos componentes das ações agressivas (FIAMENGHI E FILHO, 2001; VASCONCELOS, 2001)

A indisciplina pode ser remetida á várias situações, as formas mais frequentes de indisciplina em âmbito escolar podem ser vistas pelos corredores da escola, no pátio, nos eventos, e na sala de aula. Como se manifestam: conversas paralelas, dispersão; professor entra em sala de aula e é como se não tivesse entrado; o professor passa atividades e a maioria dos alunos não as fazem, quando a professora é substituída por outra, é como se fosse dia de fazer bagunça; alunos não trazem

material; saem no corredor na troca de professores; entre vários outros motivos. (VASCONCELLOS, 2000)

Em suma, o comportamento do aluno denominado de indisciplinado pelo corpo escolar, delinea-se como um dos maiores problemas enfrentados na escola. Esta realidade pode ser encontrada em vários espaços educacionais, desde creches a universidades, não escolhe classe social, nem nacionalidade, e envolve desde ações pequenas, chegando até a agressões verbais ou físicas aos colegas e, em alguns casos extremos, a outros envolvidos na escola. Essas situações estão se tornando corriqueiras, estampando noticiários de televisão e trazendo medo e sensação de insegurança em um espaço que deveria apenas trazer alegrias e conhecimentos, passando a imagem de que as escolas perderam o controle sobre seus alunos “[...] os problemas relacionados à indisciplina são sérios e que suas escolas têm tido dificuldades para lidar com essas situações. Reconhecem também, que nem sempre encontram soluções para o enfrentamento da indisciplina” (MÜLLER, 2001, p. 25).

E os questionamentos que surgem é, a quem cabe manter a ordem em sala de aula? Quem deve manter os alunos disciplinados? E como reagir perante a indisciplina? A resposta para essas perguntas para muitos pode ser os professores, mas será que apenas os professores tem esse dever? Ou apenas eles podem instruir a criança no caminho da disciplina? E se nem toda indisciplina necessitar ser corrigida? É sobre esses questionamentos que buscaremos refletir.

2. DESENVOLVIMENTO

Neste momento buscaremos entender um pouco sobre o cotidiano educacional, e como os comportamentos indisciplinados surgem e são tratados, refletindo sobre a postura e responsabilidade do professor em sala de aula nestes momentos, aprofundando-se no desenvolvimento moral da criança, e na importância da construção de uma interação com base no diálogo.

2.1 O COTIDIANO EDUCACIONAL

Do lado de dentro dos portões da escola encontramos diferentes culturas, pensamentos, histórias que se cruzam diariamente no período regular de aulas,

adultos e crianças se envolvem em uma rotina escolar que apesar de seguir uma rotina, não pode ser considerada estática.

Com base nas nossas experiências a maioria das escolas públicas seguem a seguinte rotina, aulas em tempo regular de segunda a sexta-feira, manhã 7h às 11h, a tarde das 13h às 17h. O corpo escolar geralmente é formado pela gestão da escola, secretários, professores, auxiliares de serviços gerais, merendeira, porteiro, estendendo-se aos alunos e aos seus pais ou responsáveis, todas essas pessoas juntas formam a escola de fato, e é nesse corpo escolar que as relações se constroem afinal estamos falando de pessoas, que carregam consigo sentimentos, anseios, sonhos, medos.

Compreendemos que a realidade das escolas brasileiras passa por um contexto de desmonte a muitos anos, a pouca valorização dos profissionais de educação, a má administração de alguns governantes políticos, juntamente com a realidade das salas de aulas com cenários de indisciplina, cobranças por parte da gestão ou do secretariado de educação, todos esses pontos acarretam para a vida docente frustrações, altos níveis de estresses. Os professores lidam com muitas pressões em sua profissão diariamente, e o trabalho não acaba ao final do expediente, sem contar com aqueles educadores que assumem mais de uma sala de aula por dia, o trabalho duplica, triplica, quadruplica, ser professor não é uma tarefa fácil, se todos bem soubessem disso teríamos uma boa valorização a esses profissionais, que desde o primeiro dia de trabalho já se deparam com vários dilemas como Silva (1997) em seu estudo sobre o primeiro ano de docência: o choque com a realidade ressalta;

O corte entre o ideal e o real, ou seja, entre a teoria adquirida durante a formação inicial e a realidade da vida na escola, a ambiguidade do papel por esta desempenhado numa sociedade caracterizada por constantes mudanças, a multiplicidade de papéis que estão acometidos aos professores, logo a partir do seu primeiro dia de profissão, transformam a etapa de iniciação num contexto propício ao aparecimento de dilemas. (SILVA,1997, p.54)

Longe de naturalizar as mazelas escolares precisamos entender a luz da realidade como elas ocorrem, como já foi mencionado, dentro da infraestrutura da escola temos uma quantidade significativa de vidas convivendo por 4 a 8 horas diárias, cada uma delas carrega consigo culturas e histórias diferentes, podemos dizer que seria normal em algum momento dessa relação um dos envolvidos se estressar com o outro? E a resposta pode ser sim, é normal que culturas e histórias diferentes se

choquem em algum momento, agora como lidamos com isso é o que determina se o cenário será de paz ou de guerra. Por exemplo, se o aluno no meio da aula se recusa a fazer a lição, o professor pode utilizar duas táticas, a primeira seria; o repreender e tentar o convencer a fazer a atividade, se ele continuar a se recusar, pode o encaminhar diretamente para a direção da escola, em uma segunda tática o professor poderia chamar esse aluno a sós e conversar com ela a fim de entender o porquê ele está se recusando a fazer a lição. Qual desta conduta você acha que o professor poderia ter?

Para Freire educar é um ato de amor e respeito a todas as visões de mundo, valorizando a história dos envolvidos e colocando o diálogo como a ferramenta principal no processo educativo libertador. Portanto para Freire o educador que se mantém em uma posição “rígida” “fixa” “invariável” e na cristalização dessa posição, “nega a educação e o conhecimento como processos de busca” (FREIRE, 1975, p. 67).

O professor necessita colocar-se no lugar do aluno em algumas situações, para que o diálogo possa fluir de maneira satisfatória, afinal estamos lidando com crianças, seres em construção.

Um dos problemas mais mencionados no cotidiano escolar, preocupando seus profissionais e os conduzindo a buscar caminhos capazes de oferecer soluções, é a indisciplina escolar. Como já mencionado aqui a indisciplina seria todas as ações contrárias as regras, porém Aquino (1996a) esclarece que, muitas vezes, os alunos sequer chegam a ter conhecimento e clareza sobre as regras definidas na escola, já que muitas vezes estas regras não estão acessíveis ou formalizadas em documentos, nem são passadas aos alunos no início do ano letivo. As regras, em suma, precisam estar claras para que os alunos possam compreendê-las e potencialmente cumpri-las.

As situações mais corriqueiras de atos indisciplinados na escola se referem a recusa de fazer as atividades, as brincadeiras fora de hora, as conversinhas paralelas, a falta de respeito com os posicionamentos do educador, entre outras características. São nessas situações que o professor tenta rapidamente encontrar uma solução, já que esses comportamentos quebram a ordem de suas aulas interferindo diretamente no seu planejamento. Com as experiências em escolas que temos, notamos que boa parte dos professores seguem passos iguais perante essas situações, quando não

conseguem controlar a situação, a solução é levar até a direção da escola, que seria a atitude extrema, na qual se coloca o aluno de castigo na sala da diretoria, comunica-se ou marca-se uma conversa com o responsável por esse aluno onde será narrado as atitudes indisciplinadas que por ele foram feitas, a fim de que o responsável consiga fazer o aluno mudar o seu comportamento indisciplinado.

Ocorre que dessa forma, pouco a pouco, os alunos vão sendo excluídos da dinâmica da aula em função do agravamento de problemas disciplinares, alunos com constantes comportamentos indisciplinados acabam sendo rotulados como 'aluno problemático'. Dessa forma a escola indiretamente acaba transferindo aos alunos, que não conseguem se comportar conforme padrões desejáveis, a culpa por suas insuficiências.

Quem diria que o nosso saudoso educador Paulo Freire foi durante a vigência do regime militar no Brasil considerado subversivo? Ou, em outros termos, indisciplinado, em relação às normas vigentes? Quando se revoltou com as opressões que vinham acontecendo no Brasil a partir do golpe militar de 1964, Freire foi considerado um rebelde o que o obrigou a se exilar, durante algum tempo, em outros países, conforme suas próprias palavras:

Não há quem faça uma releitura do mundo para compreendê-lo melhor a não ser tocando na dimensão política e ideológica da vida humana [...]. E, obviamente, quando você desafia o homem e a mulher do povo para uma compreensão mais crítica de seu próprio mundo e da injustiça é que você desperta a necessidade de lutar [...]. E foi exatamente por isso que fui preso, expulso do país, e vivi no exílio 16 anos, fora do Brasil [...] (FREIRE, 1994, p,14).

Dessa forma é possível entender que em determinadas situações e contextos, comportamentos julgados e punidos por infringir as normas estabelecidas davam, ao contrário do que se acreditava, sinais de autonomia, de não aceitação de uma autoridade excessiva, do inconformismo a proibição à liberdade de ideias e de expressão. O mesmo pode ocorrer atualmente nos cotidianos escolares, uma vez que a forma como se entende o ato de educar é individual de cada ser, ou seja cada educador tem a sua forma de entender o seu papel, e quando isso é feito de uma forma egocêntrica podemos ter muitos atos indisciplinados de alunos em sala de aula, que podem estar sendo considerados e levados como um problema do aluno, mas que na verdade pode está sinalizando uma falha no trabalho do educador

Essa dificuldade em lidar com os diferentes comportamentos dos alunos pode estar relacionada à falta de clareza ou domínio acerca dos processos de desenvolvimento da moral que essa criança passa, e também àquilo que Foucault (2004) descreve como a rejeição ao que foge ao comum, ao conhecido, ao valorizado, tendo em vista que o diferente provoca estranheza, desconfiança e medo.

Assim, acreditamos que a escola enquanto espaço de desenvolvimento social precisa voltar sua atenção para refletir como ocorre o desenvolvimento do aluno, em suas singularidades, não em suas limitações, lacunas ou faltas. Ao invés disso, ela deveria olhar para as situações conflituosas e mesmo indesejadas, vendo-as como insuficiências a serem compreendidas, trabalhadas e superadas, para entender melhor o processo de evolução da criança vamos refletir sobre o desenvolvimento moral na perspectiva piagetiana.

2.2 O DESENVOLVIMENTO MORAL SEGUNDO ESTUDIOSOS DE PIAGET

Para iniciarmos nossa discussão sobre a moral, necessitamos compreender o que é moral. Para Piaget, (1977, p.11) “Toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras”. Sendo assim a moral se refere as regras que orientam as nossas ações, e é através do respeito que adquirimos que nos faz obedecer essas regras. La Taille (2006 apud SILVA, 2008, p.82) “considera as regras um ‘mandamento preciso’, o ‘mapa’ que dá corpo a moral, situando-a espaçotemporalmente”. A moral se expande além de regras, inclui-se também princípios e valores.

Para Piaget a moral passa por três etapas denominadas por ele dos três estágios de conscientização da moral: a Anomia, a Heteronomia e a Autonomia.

A anomia se caracteriza como o primeiro estágio de desenvolvimento da criança, sendo referente aos seus primeiros anos de vida, neste período o seu comportamento é marcado por ausências de diferenciação entre o seu eu e o mundo exterior, um estado de “egocentrismo e adualismo que não lhe permite perceber a existência de outros nem conhecer as regras de convívio social” (PIAGET. INHELDER.

2001, p.25 apud SILVA, 2008, p. 88) a criança nesse estágio está fora das leis e conforme vai se desenvolvendo ela passa a tomar posse dessas leis.

A heteronomia nesse estágio de desenvolvimento a criança ou o indivíduo heterônomo “é um sujeito moral, que experimenta portanto, o sentimento da obrigatoriedade, calcado em conteúdos morais que são dominantes na sua comunidade” (LA TAILLE., 2006, p.59 apud SILVA, 2008, p.94) Piaget (1994) explica que neste estágio a formação das regras no universo da criança ocorre mediante relações sociais nas quais ela desenvolve o sentimento de respeito unilateral, onde a pessoa a qual ela respeita se torna um ser superior para ela, Piaget (1973,p.147 apud SILVA, 2008, p.94) afirma que “a criança adotará a escala de valores da pessoa respeitada: ...a imitará os exemplos que lhe são dados, acatará os pontos de vista dos adultos, enquanto o inverso não se produz, ou se produz muito pouco.” Na heteronomia a criança é governada pelos outros, ou seja, depende da aprovação do outro sobre o que pode ou não fazer, se tornando uma característica principal a subordinação, o adulto ou a criança mais velha a quem a criança respeita se torna seu referencial moral, tendo a afetividade como ferramenta essencial para essa formação moral.

O último estágio é a autonomia no qual as regras resultam de uma discussão livre, sendo dignas de um respeito mutuamente consentido, recíproco, via relações sociais, nas quais os indivíduos envolvidos se consideram em pé de igualdade (PIAGET, 1994; 1996 apud SILVA, 2008, p.99) em outras palavras é na autonomia que a criança passa a governar a si mesma, passando a refletir sobre suas ações e decisões , é na fase da autonomia que a criança adquire a consciência moral, os deveres são cumpridos com consciência de sua necessidade e significação na ausência da autoridade continua o mesmo, para Piaget (1973), igualdade e reciprocidade são a chave do processo de autonomia, a criança respeita as regras porque as aceita como boas.

Compreendendo os três estágios de desenvolvimento da moral, é importante ressaltar que a moral é construída na interação com o outro, sendo trabalhada em todos os atos, das palavras as ações. A construção dessa moral se dá também pela reciprocidade, respeito, cooperação e solidariedade entre os indivíduos, sendo importante fazer a criança refletir sobre suas ações, agindo com clareza nas situações para que ela possa refletir criticamente sobre os seus feitos. Através do nosso

entendimento acerca do desenvolvimento moral de Piaget, trazemos o seguinte exemplo, na disputa por brinquedos no momento do recreio o professor pode seguir três situações.

1° O professor ao ver as crianças brigarem pelo brinquedo, vai até elas retira o brinquedo de suas mãos e o guarda. A mensagem que será passada para elas é de que o adulto é quem manda na relação, e que elas não tem escolha a não ser aceitar.

2° O professor ao ver as crianças brigarem pelo brinquedo, apenas observa e não interfere. Nessa situação ele passa a mensagem passiva em que elas devem resolver aquela situação sozinha.

3° O professor ao ver as crianças brigarem pelo brinquedo, vai até elas e começa a dialogar com estas crianças as fazendo refletir sobre uma possível solução para aquele momento, seja um compartilhamento do brinquedo ou uma brincadeira em que ambas possam brincar juntas com o brinquedo. Nessa situação o professor será um mediador da solução daquele problema.

Ao observarmos esse exemplo da briga pelo brinquedo, podemos ver que cada ato do professor ensinará algo sobre a moralidade as crianças. Menin traz uma observação sobre o cotidiano escolar e o ensino moral;

Pais e professores são inevitavelmente modelos para as crianças. Podem ser 'bons' modelos, moralmente falando, ou péssimos. Em qualquer dos casos suas ações, seus julgamentos e os valores que se exteriorizam farão parte do modo de ser das crianças [...] Assim se os professores e os pais forem, como modelos, pessoas heterônomas que obedecem às regras por controles externos, que julgam os atos por seus resultados finais aparentes que avaliam os erros pelas suas possibilidades de punição [...] não se pode esperar que alunos e filhos tenham um desenvolvimento moral 'diferente' (MENIN, 1996, P.99-100).

Um ser em desenvolvimento ele aprende pelo que vê, crianças são seres em desenvolvimento constante, que estão aptos a adquirir diversos conhecimentos, sendo de extrema importância e atenção que os adultos envolvidos na sua vida estejam preparados a passarem conhecimentos e experiências que livros didáticos ou técnicas didáticas jamais passariam, como afeto, respeito, amor. São nessas interações que as crianças vão fortalecendo seus vínculos e criando suas próprias histórias neste gigantesco mundo cheio de novas possibilidades. Buscaremos refletir

sobre o poder dessas interações, através do diálogo, a fim de compreender o quão importante é para a redução dos comportamentos indisciplinados,

2.3 A IMPORTANCIA DO DIÁLOGO NOS COMPORTAMENTOS INDISCIPLINADOS

É na relação entre professor e aluno que ocorre o processo de educação, Paulo Freire, em Pedagogia da autonomia, chama a atenção dos educadores para uma unidade formada pela interação entre o ensino e a aprendizagem. Em sua concepção, “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo ensina” (FREIRE, 1996, p.77) propondo assim a ideia de uma interação de “iguais” descartando a visão de que o professor é maior que o seu aluno, uma vez que o mesmo no ato de ensinar também está aprendendo algo com o seu aluno. Para Freire (1996, p. 124), “a capacidade do educador de conhecer o objeto refaz-se, a cada vez, através da própria capacidade de conhecer dos alunos, do desenvolvimento de sua compreensão crítica”. O professor que se coloca na posição de professor autoritário acaba que privando as interações entre ele e o aluno o impossibilitando de pronunciar seus interesses, saberes e questionamentos.

Para que se possa enfrentar a indisciplina escolar tanto os professores quanto os profissionais da escola em um todo, devem adotar uma postura democrática e dialógica que entenda os alunos não como sujeitos subservientes ou como adversários que devem ser vencidos ou dominados, mas sim os reconhecer como parceiros nessa caminhada para a construção de uma sociedade mais justa, solidaria e feliz. Nessa visão o diálogo se torna uma ferramenta essencial, permanente entre os sujeitos escolares, através da problematização e da reflexão sobre a realidade, onde o conhecimento é construído com a participação ativa de todos os sujeitos do processo.

A Pedagogia da autonomia, de Freire (1996), é um convite aos professores para refletirem sobre a própria prática, pois, para ele, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 44).

Sobre a importância do papel do educador, ele diz fazer parte da sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas, também “ensinar a pensar certo” (FREIRE, 1996, p. 29).

Se o pensar é uma atividade natural ao ser humano quando Freire se refere a esse ‘pensar certo’ traz consigo o questionamento de que pensar seria este? Por sua vez Dewey (1979, p. 43) afirma que “não podemos aprender ou ser ensinados a pensar, temos que aprender como pensar bem, especialmente como adquirir o hábito de refletir”. Para Alves (2000. p. 78)

O pensamento é como águia que só alça voo nos espaços vazios do desconhecido. Pensar é voar sobre o que não se sabe. Não existe nada mais fatal para o pensamento do que o ensino de respostas certas. Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas [...] somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.

Dessa forma a escola deve proporcionar aos seus alunos caminhos para florir o seu pensar, não com finalidade de os moldar a algo pré determinado por eles, mas sim os deixar livres para criar, recriar e formular suas hipóteses sobre o mundo.

Antônio Faundez, em diálogo com Paulo Freire, afirma:

A educação em geral é uma educação de respostas, em lugar de ser uma educação de perguntas. Uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrarse, de responder ao seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais e existenciais (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 52).

A escola que se propõe a manter uma didática autoritária, tradicional, se torna mais propícia a ter comportamentos indisciplinados, e se desvencilhar não é uma missão tão simples, segundo Dimenstein e Rubem Alves.

O aprendido se agarra na gente de uma forma terrível e é o aprendido que impede que eu [professor] aprenda uma coisa de uma maneira diferente. Então, é preciso desaprender o aprendido [...] esquecer o sabido para se lembrar do esquecido. É preciso ter olho novo para ver as coisas velhas de maneira diferente. (DIMENSTEIN; ALVES, 2003, p. 107)

O professor necessita se auto conhecer, analisar suas próprias atitudes em relação a sua didática em sala de aula, com isso se colocar na posição de aprendiz, buscar conhecimentos a respeito de uma educação libertadora, se permitir transformar, buscando, através do diálogo, desafiar o aluno a pensar, a produzir novas

ideias sobre o que está sendo pensado, a fazer conexões significativas entre os conteúdos disciplinares estudados e as suas experiências de vida.

Acreditamos que o professor que se apropria do diálogo na sua realidade escolar, se torna um professor mais compreensivo, curioso perante o pensamento da criança, prioriza a pergunta, ou seja ele se preocupa em entender a criança utilizando uma atitude de escuta e respeito. Evidentemente tais ações provocam mudanças em cenários com altos níveis de frustração, se duas mentes agem de forma frustrada não se poderá chegar a uma solução rapidamente, porém se uma mente dentre essas duas, agir de forma dialógica, reflexiva, utilizando a escuta perante o outro, teremos grandes chances de chegar a uma solução para o

‘problema’ de forma mais rápida e eficaz.

Dessa forma defendemos que uma forte ferramenta para ajudar a vencer os comportamentos indisciplinados em sala de aula seria a apropriação da educação dialógica, quebrando o elo com a educação tradicional que pode ser o alimento dos comportamentos indisciplinados. Dewey (1971, p. 5) caracteriza a educação tradicional como um “esquema de imposição de cima para baixo e de fora para dentro”. Em outras palavras ele quer dizer que na educação tradicional encontramos imposições de padrões, um autoritarismo às vezes exacerbado de adultos sobre seres em crescimento moral. Segundo Dewey.

Tal ensino divorcia-se de todas as condições de uma verdadeira aprendizagem. O aluno, não vendo nenhuma relação da “matéria” com sua vida presente ou qualquer empreendimento em que esteja empenhado, não pode ter motivo para se esforçar; não tendo motivo, não pode ter desejo ou intenção de aprender (salvo motivos artificiais ou falsos); não tendo a intenção de aprender, não pode assimilar ativamente a matéria, integrando-a a sua própria vida. (DEWEY. 1967, p. 36).

Dewey defende que o ensino tradicional não conquista o aluno, pois não dar a ele a possibilidade de se sentir parte daquela história, e tal atitude pode contribuir para o desinteresse nas aulas, para a apatia que é motivo de reclamação por parte dos professores. Para Dewey (1967, p. 46), “a origem de tudo o que é morto, mecânico e formal em nossas escolas está aí: na subordinação da vida e da experiência da criança ao programa”. Quando o autor se refere a palavra ‘morto’, entendemos que ele quer expressar como a escola na perspectiva tradicional consegue abafar a vida com a

apatia do agir, a rotina onde se dá pouca oportunidade para as crianças expressarem, as tornando meras observadoras passivas, para Lipman *et al.* (1994,

p. 32) “as crianças sentadas em suas carteiras, sufocadas por um enorme quantidade de informações que parecem embaralhadas, sem sentido desconectadas de suas vidas, têm a nítida impressão da absoluta falta de sentido das suas experiências”. A criança necessita buscar significados para a sua vida, na escola isso se aplica a busca de significado do que é ensinado a sua vida, um exemplo simples sobre isso é as crianças de zona rural, ao estudarem apenas conteúdos voltados a zona urbana, qual o significado elas levaram para a sua vida? O que elas podem extrair de uma realidade diferente da delas? A aula interessante para elas seria além de aprender sobre a zona urbana, também aprenderem sobre a sua zona rural, a sua realidade, sua cultura. São formas de conquistar a atenção, despertar a curiosidade das crianças.

Nas relações com base no diálogo, temos um ensino e aprendizagem se integrando a experiência significativa do aluno, ou seja, aquele conteúdo se torna algo significativo para ele. Daniel afirma que;

A troca dialógica é, pois, o princípio pelo qual o significado de uma coisa se revela; o princípio pelo qual as aprendizagens se integram [...] Uma vez que o pensamento é a internalização do diálogo e que a ação constitui o reflexo do pensamento, pode-se então afirmar que a troca dialógica é uma atividade essencialmente pragmática e que, nesse sentido, contribui para o desenvolvimento da pessoa, tanto do ponto de vista cognitivo quanto do ponto de vista afetivo e moral. (DANIEL, 2000, p.131.a)

Como já mencionado aqui a importância de entender o desenvolvimento moral da criança, podemos ver que unir esse conhecimento com a prática do diálogo, isso pode resultar em relacionamentos saudáveis e conseqüentemente aprendizagens mais significativas. Como salienta Daniel.

As aprendizagens derivadas do diálogo entre pares são mais rápidas, mais profundas e têm um impacto sobre as outras aprendizagens escolares. Com efeito, a partir do momento em que a criança reflete sobre a matéria escolar e a situa em seu contexto próprio, em lugar de memorizá-la sem aprender a relação de continuidade e sua experiência de vida, a assimilação e a integração da matéria se dão de forma mais rápida e eficaz. A criança compreende não apenas o significado do que aprende, mas também o significado das implicações dessas ideias. (DANIEL, 2000, p.141.b)

Essa prática de diálogo no contexto escolar, como processo de articulação em conjunto do aluno e do professor sobre o objeto de aprendizagem, demanda um processo reflexivo que vai se tornando auto reflexivo.

Para vencer os comportamentos indisciplinados outro ponto importante está na clareza perante as regras escolares. Um bom espaço educacional deve-se atentar a formular regras justas, que envolvam todo o corpo escolar onde se inclui também os alunos, pois cada um tem seu dever e também seus direitos. Regras que são construídas considerando apenas o lado dos professores e funcionários da escola mais que não se atentam as necessidades de seus alunos, tendem a gerar conflitos que se transformaram em atos de desobediência em relação ao cumprimento dela, o aluno que comete tal atitude já será rotulado como um aluno indisciplinado, passando pelos possíveis constrangimentos que já mencionamos aqui, e esse ciclo vicioso acaba que sufocando as relações dentro do ambiente escolar, isso ocorre através das interações e as regras podem ser construídas juntas através da relação dialógica, que na teoria de desenvolvimento de Vygotsky, estudado por Tereza Cristina Rego diz:

Na perspectiva de Vygotsky, construir conhecimentos implica uma ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas. [...] O paradigma esboçado sugere, assim, um redimensionamento do valor das interações sociais (entre os alunos e o professor e entre as crianças) no contexto escolar. Essas passam a ser entendidas como condição necessária para a produção de conhecimentos por parte dos alunos, particularmente aquelas que permitem o diálogo, a cooperação e a troca de informações mútuas, no confronto de pontos de vista divergentes e que implicam a divisão de tarefas onde cada um tem a sua responsabilidade que, somadas, resultarão no alcance de um objetivo comum. Cabe, portanto, ao professor não somente permitir que elas ocorram, como também, promovê-las no cotidiano das salas de aula (REGO, 1995, p. 110).

A sala de aula interativa, dialógica bem como a escola por inteiro se torna um ambiente favorável para a troca de saberes mútuos, relacionamentos leves, regras cumpridas com mais facilidade, e comportamentos indisciplinados mas disciplinados, disciplina essa construída em conjunto, por todos, ao seguir essas mudanças na concepção de ensino até o sentido de disciplina pode mudar, como diz Aquino:

É presumível, portanto, que uma nova espécie de disciplina possa despontar em relações orientadas desta maneira: aquela que denota tenacidade, perseverança, obstinação, vontade de saber. [...] Anteriormente, disciplina evocava silenciamento, obediência, resignação. Agora, pode significar movimento, força afirmativa, vontade de transpor os obstáculos. [...] Disciplina torna-se, então, vetor de rebeldia para consigo mesmo e de estranhamento para com o mundo – qualidades fundamentais do trabalho humano de conhecer (AQUINO, 1996b, p. 53).

O comportamento disciplinado deixa de ser aquele de subordinação as regras, nessa perspectiva espera-se do aluno a postura ativa, a depender do nível de

desenvolvimento de sua moral , a criança conseguirá respeitar as regras, pois a entenderá como algo bom para si e para os outros, ou caso ela ainda esteja em outros níveis de desenvolvimento, o próprio educador tendo o conhecimento destes níveis de desenvolvimento moral, mencionados aqui neste trabalho, ele conduzirá essa criança ao seu amadurecimento, com paciência sabendo que o desenvolvimento é algo gradativo. Nesta linha de pensamento, acreditamos que a responsabilidade pelos comportamentos disciplinados e indisciplinados não é apenas do aluno, pelo contrário, está estreitamente ligado a uma 'linha de relações' entre família e escola, todas essas relações podem influenciar os comportamentos, por isso na transformação de cenários tradicionais em cenários dialógicos poderemos encontrar a redução e ousamos dizer em até o fim dos comportamentos indisciplinados.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final deste trabalho, consideramos que ele apresenta uma tentativa de compreensão sobre as raízes dos comportamentos indisciplinados no contexto escolar, e como a interação dos professores e alunos pautado no diálogo pode contribuir para amenizar tais comportamentos tidos como perturbadores. Sabemos que esse artigo pode abrir caminhos para outras reflexões, porém os objetivos propostos para a realização desta pesquisa, bem como a questão que norteou o trabalho foram alcançadas e contempladas, mas as possibilidades de entendimento não foram esgotadas.

Os comportamentos indisciplinados surgem bagunçando o roteiro que os profissionais da escola escreveram, frustram o corpo escolar, principalmente os professores que lidam com os alunos frente a frente, os diversos autores citados nesse artigo, nos trazem alguns norteamentos de como e o porquê tais comportamentos surgem. Os comportamentos indisciplinados ocorrem quando se quebra as regras estabelecidas na escola, e um dos motivos pode ser a própria didática da escola, de acordo com o que vimos neste artigo ao falarmos do ensino tradicional, que se utiliza do autoritarismo excessivo, esse modelo de ensino controlador corta a imaginação e curiosidade da criança, a impossibilita de questionar o mundo e de se enxergar parte deste mundo, que está sendo apresentado a ela, isso causa apatia em relação ao que está sendo ensinado, e daí pode-se dar início aos comportamentos indisciplinados,

através da falta de interesse, conversas paralelas surgem no momento da aula, atritos entre aluno e professor.

Ao discorrer os textos apresentamos o desenvolvimento moral da criança através da perspectiva piagetina, na qual é possível entender que a criança está se desenvolvendo a cada dia, e que a orientação de um adulto faz toda a diferença neste processo, uma vez que ela se baseia nas ações do adulto que lhe inspira respeito, e não apenas no que lhe é dito. Dessa forma a construção da moralidade do que é certo e errado vai sendo moldado, construído, até o ponto em que a própria criança consiga em sua autonomia discernir o que é certo e errado, bom ou ruim para ela e para os outros ao seu redor, neste ponto frisamos a importância dos educadores terem noção das etapas desse desenvolvimento para que consigam compreender as crianças enquanto alunos seus, e as ajudar.

Quando os professores passam a enxergar seus alunos como parceiros da construção do conhecimento, e se abrem a possibilidade de mudança, ou seja, professores que utilizam um ensino autoritário se colocam na posição de mudar essa forma de ensino, utilizando o diálogo que aqui foi citado como um meio de favorecer uma redução nos comportamentos indisciplinados, se tem grandes chances de ocorrer mudanças de cenários, no lugar da indisciplina se terá a disciplina não pelo autoritarismo, mas pela compreensão. As crianças passam a ter noção dos seus direitos e responsabilidade pelos seus deveres, o ensino se torna mais prazeroso, a apatia dar lugar a empatia e os relacionamentos tornam-se mais leves.

Em suma, as reflexões propostas neste artigo, foram a de possibilitar o entendimento de que comportamentos indisciplinados que ocorrem no contexto escolar, podem estar sendo frutos de falhas no ensino proposto na própria escola, e que uma ferramenta eficaz para vencer esse obstáculo é o diálogo, as relações professor e aluno, bem como de todo o corpo escolar, através do diálogo pode trazer mudanças em cenários desconfortáveis e apáticos, através da construção das relações que possibilitam que os alunos falem e sejam escutados, com um ensino que seja mais próximo da sua realidade, proporcionando que eles criem e recriem o mundo, se questionem, aflorem sua imaginação e curiosidade, essa visão de educação defendida por Paulo Freire, um dos autores mais citados neste trabalho,

reafirma como essa concepção de educação pode amenizar os comportamentos indisciplinados e transformar a escola em um espaço rico em conhecimentos, com interações dialógicas envolvendo todo o corpo escolar. Com isto, espera-se uma educação de qualidade e democrática, que haja um processo educativo real que envolva os alunos, comunidade e escola em serventia de um futuro cidadão disciplinado que possa influenciar de maneira positiva o meio em que vive.

Ao finalizar esse artigo, esperamos que você leitor reflita a importância do diálogo em nossas relações, e que os comportamentos indisciplinados podem ser vencidos através de ações simples, que não constroem os alunos, nem os profissionais, apenas com o poder do falar e ouvir, grandes transformações podem acontecer em você, em nós, em todos.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas: Papirus, 2000.

AQUINO, J. G. **Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus, 1996a.

_____. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In: _____. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 7. ed. São Paulo: Summus, 1996b.

DANIEL, M. F. **A filosofia e as crianças**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2000.

DEWEY, J. **Vida e educação**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

_____. **Experiência e educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

_____. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo**: uma reexposição. São Paulo: Nacional, 1979.

DIMENSTEIN, G.; ALVES, R. **Fomos maus alunos**. Campinas: Papirus, 2003.

DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba. Positivo. 2004.

FIAMENGHI, G. A.; FILHO, J. X. **Reflexões sobre a indisciplina e a agressividade na escola atual**. In: VASCONCELOS, M. L. M. C. (Org.). **(In)disciplina, escola e contemporaneidade**. Niterói: Intertexto. São Paulo: Mackenzie. 2001.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

FREIRE, P. (1994, maio). **Entrevista**. **Jornal Muito Mais**.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

LIPMAN, M.; OSCANYAN, F. S.; SHARP, A. M. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo. Nova Alexandria, 1994.

MENIN, M. S. S. **Desenvolvimento moral**. In. MACEDO, L. M et al. (Org.). **Cinco estudos da educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. (Coleção Psicologia da Educação).

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis. Vozes, 2009.

MULLER, J. L. **Disciplina/indisciplina no cotidiano escolar**, Ijuí: Ed. Unijuí, 2001 (coleção trabalhos acadêmico-científicos. Séries dissertações de mestrado; 5).

PIAGET, J. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

_____. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

_____. **O juízo moral na criança**. São Paulo. Summus, 1994.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA, M. C. M. **O primeiro ano de docência: o choque com a realidade**. In: Estrela, M. T. **Viver e construir a profissão docente**. Porto. 1997.

SILVA, N. S. **Formação moral das crianças: construção de regras fundamentais aos valores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. 2008. 148 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 11. ed. Libertad, São Paulo, 2000. (Cadernos pedagógicos do Libertad; v. 4).